

ESCOLA DA CIDADE

GYOVANNA FREIRE
LUCAS LEOPOLDO
MARIA CLARA CALIXTO
NICOLE SALFATIS

ESCOLA QUILOMBOLA: RESISTÊNCIA DA MEMÓRIA NEGRA

SÃO PAULO

2019

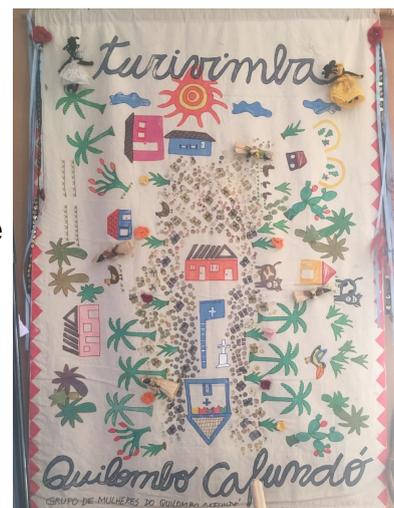
O seguinte trabalho tem por objetivo estudar escolas quilombolas e entender a importância que esta tem em relação a preservação da memória. A partir da pesquisa e visita a comunidade quilombola do Cafundó, apresentada a nós por Regina, moradora do local e a responsável pelas questões políticas e sociais da comunidade. Registramos nossas experiências em diferentes métodos, como desenhos, fotografias e escritos. Todas as informações abaixo foram fruto de pesquisas e entrevistas que foram transcritas por nós, alunos da Escola da Cidade, neste caderno. Vale ressaltar que o Cafundó é o estudo de caso para o trabalho, não sendo ele necessariamente o foco principal da pesquisa.

Localizada a 130km de São Paulo, entre as cidades de Salto de Pirapora, Sorocaba e Pilar do Sul, a comunidade quilombola Cafundó conta com uma população de aproximadamente 80 habitantes. No Estado de São Paulo, existe um total de 79 comunidades quilombolas, sendo 51 reconhecidas pelo governo. Na região onde está localizada a comunidade quilombola Cafundó, esta é a única reconhecida oficialmente e que tem acesso a terra regularizado.



Os ancestrais dos habitantes do Cafundó vieram como escravos do Norte da Angola. Joaquim Congo, fundador do quilombo, foi libertado pelo seu fazendeiro em 1876 e ganhou uma grande porção de terra, onde hoje, parte dela, abriga o Cafundó. Suas duas filhas, Dona Ifigênia e Dona Antônia, foram as grandes fundadoras do quilombo e deram origem as 25 famílias que vivem atualmente lá. Uma das filhas foi abusada por fazendeiro, o que resultou em na existência de pessoas com pele mais clara no quilombo.

Originalmente, a comunidade contava com cerca de 218 hectares. A falta de documentação legal por parte dos legítimos donos, aliada a especulação imobiliária, facilitaram as condições para o agressivo processo de grilagem ocorrido no local. Atualmente, das antigas terras, restaram apenas 19,5 hectares, que abrigam a comunidade.



Algumas atividades que acontecem no quilombo do Cafundó despertaram muito o nosso interesse, pois resgatam a memória de resistência que o local representa, em especial cinco delas: agricultura, dança, artesanato, língua, e religião. Essas práticas são essenciais para o manutenção e persistência da vida e raízes do quilombo. No entanto, percebe-se que boa parte delas está cada vez mais se perdendo.

Com relação a agricultura, parte dos moradores pratica a atividade, trabalhando com orgânicos (em especial milho, feijão e mandioca) e plantas medicinais. Há alguns anos, 9 famílias atuavam na área, mas atualmente apenas 4 participam. O Quimbundo é a língua secular vinda com os ancestrais angolanos fundadores da comunidade. Apesar de não muito conhecida pela maioria dos brasileiros, esta está presente na língua portuguesa constantemente. Algumas palavras que têm origem quimbunda são “cochilar”, “moleque”, entre centenas de outras. Atualmente é falada apenas por parte da comunidade, sendo que apenas as 2 mulheres mais idosas têm fluência.



O Jongo é outra forma do quilombo manter suas raízes. A dança tradicional tem origem no Congo e na Angola, onde predominavam os povos Bantu. Essa representa mais uma forma de memória aos costumes dos ancestrais, que viveram a escravidão, permitida apenas em dias de santos católicos, o jongo era um meio dos poetas feiticeiros mais velhos se desafiarem nas rodas para disputas de sabedoria.

Tradicionalmente rural, o jongo veio para Com o fim da escravidão, deixados a mercê no campo se viram obrigados a migrar para a maior cidade e então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, a qual sofria um grande processo de modernização que direcionou a população para os morros como de São Carlos, Salgueiro, Mangueira e, especialmente na Serrinha. Este movimento foi fundamental para a criação do samba como entendemos hoje em dia e na cultura

popular brasileira como um todo. Em relação ao artesanato, as técnicas seculares são mantidas até hoje. Usando materiais encontrados na natureza, como folhas, palha, entre outros. A produção inclui cadernos, vestuários, utensílios residenciais e etc. Estes são utilizados tanto pelos moradores da comunidade quanto vendidos para o exterior (em especial turistas e pesquisadores).

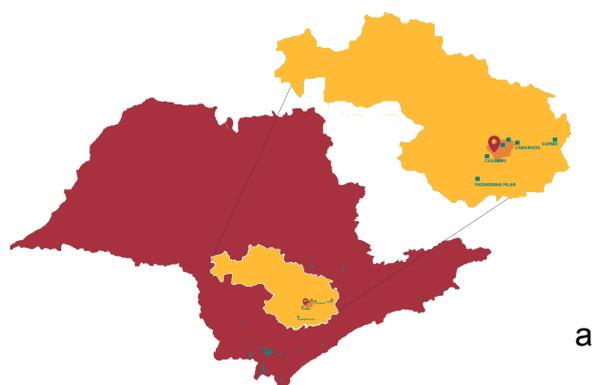


A religião que veio com seus ancestrais, o Candomblé, perdeu-se por completo, tendo atualmente a maioria dos moradores seguidores de outras religiões. O antigo terreiro fora transformado em uma casa de cultura, onde acontecem boa parte das reuniões da comunidade. Ainda é possível encontrar resquícios da religião lá, como por exemplo a presença de alguns tambores que eram usados nas antigas cerimônias religiosas.

Essas atividades de origens seculares citadas acima tem características e histórias riquíssimas. Observando a perda que estas estão sofrendo, decidimos que o trabalho teria enfoque na memória, para garantir a valorização e propagação das raízes quilombolas do Cafundó.

O preconceito talvez seja a razão principal para a depressão da memória quilombola. A relação com o entorno da comunidade é desfavorável ao quilombo, havendo muito jogo de interesses e preconceito secular. As cidades ao redor tentam esconder e negar a história do quilombo ao máximo, difamando a imagem dos moradores e suas tradições. Uma experiência que demonstra essa negação da história é o fato de que o quilombo recebe diversas visitas de crianças e adolescentes que vêm como parte do programa escolar, mas as escolas das cidades próximas raramente trazem seus alunos. Além disso, uma professora que tentou trazer as histórias dos quilombos para a sala de aula, foi demitida duas vezes por escolas de Salto de Pirapora. A situação se complica ainda mais dado o fato de que diversos dos moradores trabalham fora da comunidade e a problemática de não existir uma escola quilombola, fazendo com que as crianças frequentem escolas públicas na cidade. A consequência disso é a negação e omissão das tradições e cultura quilombolas, causando um afastamento constante de suas origens. Esse fato fica claro dado o número de pessoas, jovens em especial, que optam por deixar a comunidade.

Esse preconceito muito presente na cidade de Salto de Pirapora se faz muito presente até hoje, devido aos conflitos em relação a terra. Muitas das grilagens feitas durante a história do quilombo, foram de famílias influentes da cidade, algumas delas envolvidas com a política, o que acabou por sistematizar o preconceito com comunidade do Cafundó.



Na visita ao Cafundó, o grupo teve a oportunidade de conversar com o senhor, de aproximadamente 60/70 anos. Em sua fala, disse que não gostava de

viver na comunidade e não se identificava com o lugar, estava esperando conseguir dinheiro para ir atrás de sua família na região norte do país.

Visto o preconceito e a perda das tradições, procuramos entender como seria possível combater essas circunstâncias e possivelmente mudar o cenário do que acontece dentro da comunidade e da visão que o mundo afora tem do Cafundó e outros quilombos no geral.

A comunidade quilombola trata-se de um fértil território educativo onde as crianças recebem uma educação integral, brincando, experimentando, conversando e observando as demais crianças e adultos. Tradição, agricultura, artesanato entre outros assuntos são temas presentes no dia-a-dia da comunidade quilombola.

Neste contexto, a escola quilombola serve para sistematizar esses saberes e garantir o direito de todos à educação. Acontece que o sistema educacional pode (e muitas vezes está) aliado a produção do racismo. Se essa escola não tiver um quadro docente e de gestão composto primordialmente por educadores oriundos da comunidade e atentos a uma educação quilombola, o resultado pode ser a imposição dos saberes curriculares sobre os locais.

A inclusão de estudo de cultura afro-brasileira ou africana, é essencial nas escolas quilombolas e nas escolas que possuem quilombolas, no sentido de construir políticas e práticas de educação que possam reconhecer as necessidades e as demandas desses grupos historicamente excluídos da sociedade brasileira. Porém a escola quilombola deve conciliar os saberes tradicionais e os saberes escolares, produzindo um novo currículo a fim que não produzam uma estrutura social hierarquizada, voltada para conteúdos que colaboram para a consolidação do poder de determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Escolas quilombolas e escolas em territórios quilombolas foram e são essenciais para uma melhor vivência dentro e fora de uma comunidade quilombola. Isso já foi comprovado diversas experiências com diversas comunidades.

O Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira é um bom exemplo de sucesso de uma escola quilombola. Localizado na cidade de Palmas, Paraná, este só ofertava os anos iniciais do Ensino Fundamental. Depois desta etapa, os alunos eram obrigados a mudar para escolas regulares para continuar os estudos e a experiência raramente era positiva — a escola era distante, os alunos sofriam preconceito e discriminação, e tinham seus saberes menosprezados. O resultado é que, muitas vezes, abandonam os estudos. Agora, a unidade oferta até o Ensino Médio, com gestores e educadores quilombolas, e uma matriz curricular inteiramente dedicada à valorização dos saberes quilombolas, afro-brasileiros e

africanos. “Em matemática, a gente trabalha jogos e geometria africana. Em português, foram trabalhados os hinos das nações africanas. Em um projeto interdisciplinar, também estudamos 6 países africanos e suas relações com a cultura quilombola e afro-brasileira”, explica Mara Lúcia da Rosa, coordenadora pedagógica.

Também no Vale do Paraíba, assim como o Cafundó, encontra-se a comunidade de Carmo, a qual possui ligação com a Associação católica há mais de 30 anos. Esta parceria rendeu muitas melhorias para a comunidade, entre elas a duplicação da escola, que hoje em dia possui mais de 400 alunos do bairro e das redondezas. apesar das melhorias promissoras trazidas pela Igreja, ao mesmo tempo demonstram o esquecimento da cultura quilombola que originou o Carmo já que na escola os valores Católicos são sobrepostos, e não cultivam a história local.

Outro exemplo é o caso do Quilombo Nazaré que se localiza no Maranhão.

Trata-se de uma comunidade que já contava com uma escola comum no local, porém esta ia até quarta série apenas. Num movimento do governo de derrubada das escolas que possuíam paredes de taipa, houve uma forte resistência por parte de algumas famílias, pois a escola mais próxima se localizava a 9km de distância,



além da estrada ser ruim e alagadiça. Além disso o quilombo passava por um momento de êxodo rural muito forte e um preconceito muito grande com a comunidade tanto fora quanto de dentro. A partir disso surgiu um movimento de revalorização da importância de uma escola quilombola e sua importância quanto a reflexão da cultura e da espiritualidade de seus ancestrais, como ponto de partida para a valorização da identidade quilombola. Foi a partir da luta que conseguiram revitalizar a escola e renascer o quilombo a partir disso.

Quanto a comunidade quilombola Barro Preto de Jequité-Bahia, trata-se de uma comunidade mais urbana. Já possuía uma escola na região que contemplava estudantes até de fora do quilombo antes mesmo do reconhecimento da comunidade.



E assim como o último caso citado, havia uma questão de preconceito muito forte que prejudicava o fortalecimento do quilombo. Os próprios moradores não se identificavam como quilombolas por seu sentido pejorativo, havendo dificuldades de assumir o pertencimento à comunidade por problemas ligados a falta de auto estima. Após o reconhecimento do quilombo pela Fundação Cultural Palmares, boa parte do processo de construção de identidade foi gerado pela escola, que ganhou o nome de escola quilombola. Desde o projeto inicial da escola como quilombola, uma das diretrizes era a construção de um currículo escolar aberto, de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas, referendo a um projeto político pedagógico, que considere as especificidades históricas, culturais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades.

A Memória é elemento central para construção da identidade quilombola. Memória como uma experiência social individual, porém torna-se uma construção coletiva por se coincidirem de alguma forma e construírem repertórios comuns (identidade comum a partir de referências históricas comuns).

Território como um produto histórico-social decorrente de processos sociais e políticos, um espaço não somente material ou objetivo, mas subjetivo, envolvendo dimensões simbólico-afetivas, posto que vínculo de fruto afetivo de ações coletivas de grupos humanos. Territorialidade não é apenas viver num local, mas depende da relação que se estabelece com ele, portanto está associado às relações sociais que nele se desenvolvem. A “territorialização étnica” tem um caráter defensivo que se estabelece pela apropriação do espaço e luta pela continuidade da existência do grupo, visto o deslocamento frequente que sofrem.

No caso do quilombo, há um compartilhamento de práticas sociais, reprodução de modos de vida e de um uso comum dos recursos naturais. E este território guarda uma história de pertencimento, importante para o processo para a construção de identidade - a singularidade de um povo quilombola se evidencia pela territorialização, que por sua vez está vinculada a memória coletiva.

O Cafundó é um quilombo que conta com poucos habitantes, os quais e está afastado da cidade, fazendo com que não seja viável a construção de uma escola no próprio território deles. No entanto, acreditamos e gostaríamos de ressaltar que um espaço para aprendizados quilombolas com professores que valorizam suas tradições é essencial para o manutenção e propagação da memória quilombola. Portanto, é importante a implementação na escola que os quilombolas frequentam, a existência de um espaço para discussão de questões étnicas e raciais, além de aulas que dialogam com histórias africanas e com a cultura afro-brasileira. Além disso acreditamos que o espaço de cultura que há no quilombo, pode ser usado no

pós aula pelos alunos e moradores da comunidade como meio de discutir e trazer aspectos da cultura de seus antepassados, fomentando o sentimento de identidade e de pertencimento dos quilombolas.

Vivemos em uma sociedade que não respeita e apaga a história das minorias. Grupos que defendem e vivem a partir de conceitos que vão contra o que o desenvolvimento ocidental proclama como verdade absoluta, são vistos como inferiores. Hoje, mais do que nunca, questões de sustentabilidade e de volta à natureza devem ser estudadas e defendidas. Acreditamos que essa pesquisa e registro da memória quilombola é essencial num momento como este.

O grupo pretende continuar seguindo com pesquisas a respeito de escolas quilombolas, e produzir como produto final um memorial com colagens e croquis que digam a respeito a pesquisa realizada ao longo do semestre, incluindo aspectos do quilombo pesquisado, mas focando na crítica.